

A FEDERAÇÃO

FEDERAÇÃO - UNIDADE

ORGAN DO PARTIDO REPUBLICANO

CENTRALIZAÇÃO - DESMEMBRAMENTO

Diretor — Carlos Penniel

Editor — A. J. Pereira da Silva

Anno XXXIII

29 DE JUNHO

Floriano e Castilhos

O desdobrar dos sucessos políticos, que não encorremos evocar, durante os primeiros tempos da República, solucionou — foradeamente Floriano Peixoto e Julio de Castilhos em posição francamente defensiva contra os reacionários de toda espécie.

Param de momento, os dois vultos capazes de impedir, impiedosamente, que as tentativas de obra de destruição dos verdadeiros principais republicanos se viesssem a consumar.

Coagidos a defendem de suas amarguras o novo regime, a atitude legal, que os amrou na primária quadra da história republicana, de elevado patriotismo e de energia pouco vulgar, impôs pera a fatalidade das circunstâncias — teve a sellar as corajosas relações oficiais de ambas as suas forças aliadas em prol duma causa nacional, cuja vitória lhes coube, a coincidência, sempre presente na tentativa evocadora da nefrosfia dos seus concidadãos, de uma mesma data.

O dia que hoje passa, aniversário natalício de Julio de Castilhos, era, em vida deste estadista, — de festa e regozijo no seio dessa grande e cohosa família que é o partido republicano rio-grandense, era no mesmo tempo — de luto e pezar por assinalar o aniversário do passamento do bravo consolidador da República, o inesquecível marechal Floriano Peixoto.

Na quem considere possível submeter ao cálculo matemático a trate como problemas de solução científica as manifestações do acaso. Para esses a palavra accusa não teria sentido, ou antes não haveria accusa, existindo leis para o acaso que explicam os factos — regulam os fenômenos que se consideram ordinariamente como fortuitos.

A coincidência marcando no calendário republicano uma mesma data, que, na nossa lembrança, qual assumpções associadas, provoca a ideia de fortuna e a d'adversidad, deixando permanentemente ancoados e indesenraizáveis no espírito público acontecimentos que recordam duas individualidades cuja unidade de ação e comunidade de propósitos se ataram por simpatias reciprocas, por sentimentos de solidariedade visando um mesmo esforço contra inimigos comuns.

Foram a força diretriz inicial da nossa nova República, os fundamentos de granito sobre os quais se construiu, organizou e consolidou o regime político actual. Surribadores estrenuos, escavaram com mãos firmes, numa lareira ruiva de batalhadores indófessos, o terreno arido dos primeiros dias da República, em volta da arvoreira plantada, que vivejou, floresceu e vai fructificando desassombroadamente, graças à intensidade do esforço com que elas a crearam de cuidados logo nos primeiros e mais impetuosos ataques.

E que eram, no mais alto grau, duas energias a que se fez apelar, é que ainda agora perdura a admiração dos seus discípulos, a fitos seus correligionários, porque a empreza, a que metteram homens levantando e consolidando o regime, tinha qualquer causa que se assemelhava a uma igreja. Penetrados do mais puro republicanismo, afeiçoados á sua imagem, foram amados como chefes, por sua força moral benéfica, e olhados, na ocasião, como uma força nacional indissociável. Insensivelmente, a colaboração na mesma edificação os aproximou, os identificou numa existência de relações confraternas, despertando a consideração geral, a popularidade mesmo de que gozam e o prestígio que aurela os nomes dos dois extraordinários patrícios. Dir-se-ia, sem exageros partidários, sem ênfase, que foram as duas crenças messianicas encontradas pelos sonhadores dos primeiros tempos da República para a resistência ao retrocesso e à anarquia.

Os seus valores representativos estão cívicamente assegurados pois desses dois monumentos republicanos se ve, de facto, comemorados em monumentos impermeáveis de bronze, na praça pública, a unica expressão de gratidão do povo, no primeiro quartel de século das suas instituições.

Adquiriram pelo mesmo modo o

direito ao reconhecimento de todos os republicanos. Tais expressões de satisfação pública demonstram a sua íntima harmonia com o espírito nacional, pela actuação regular, contínua, adaptada ao meio, ao tempo e à ocasião, pela força e vitalidade que desempenham, pelo devotamento, encumha, todo sincero, com que se deram à causa pública, cumprindo uma aspiração colectiva e atestando suficientemente o que ficou clementado, numa conjugação de energias, pelos serviços e sucessos de ambos aqueles pro-homens em tal erizada.

Essa espécie de laço de carácter místico ou supersticioso que afixa dous nomes pela concorrência num dia só, dos aniversários do nascimento de Castilhos e da morte de Floriano, deve colaborar, como a religião, como a educação, como qualquer processo similar, a consciência do perigo, o receio de romper o equilíbrio de tantas coisas acumuladas e mal postas, umas sobre outras, e que ao menor sopro ameaçam ruína numérica insondável.

Essa consciência do perigo tornou-o ao mesmo tempo timido e violento, cauteloso e autoritário, cobrindo de astúcia algumas tyranias que me parecem necessárias e fazendo de tudo uma razão de Estado ou um caso de salvação pública.

Sob esse pretexto e com tão maus traços têm-se consumado verdadeiras iniquidades.

Mas o governo declara-se medianamente aborizado do enfermo grave que já não suporta remedios largos e faz o sacrifício ingrato de renunciar a todos os diagnosticos, pôs-se cardiosamente a praticar, a seguro de riscos maiores, uma medicina de symptomas e de expedientes ephemeros.

Para cada pequenino caso, uma violenta e pequenina solução, ainda assim imperfeita, incompleta, ad referendum da instância e da justiça definitiva.

Estamos, pois, sob um régimen de política experimental. O caso do Ensino pertence à instauração magna dos novos métodos.

Vejamos.

Quando começou este quadriénio, ao que se dizia, o ensino estava inteiramente desorganizado.

Era a consumação da anarquia,

segundo os commentadores de maior autoridade.

Fazendo um pouco parte do ensino, confessou que não percebi muito a desordem. Cá fôra donde se tem com mais segurança a perspectiva dos sistemas, tudo parecia caótico e absurdo. As Faculdades (cujo pessoal é ainda hoje o mesmo) não sabiam oppôr-se à inundação dos intrusos; a imprensa achincalhava os doutores de 600, que os havia e, afinal, não passavam de uma guarda nacional da cultura, barata e ineficaz. As humanidades perfaziam-se secretamente não já nos laboratórios dos equipados, mas em pequeninos cursos, sob a protecção universitária.

Todos queriam aprender, ainda que mal.

Era, talvez, um fermento de vida que convinha alimentar, e era uma agitação de liberdade que não precisava senão de um freio de disciplina. Era um estímulo e o tempo avoluma, embelleza todos os estímulos.

Vem, porém, o novo governo. E adoptou o seu expediente mudo de reacções, contrariás contraria. Acabou com tudo; onde encontrou um symptom, ahi viu doença principal e atacou-a. Evassou as facultades, amnholou os colégios malnidos de indignas indústrias (como se o governo sob o seu triplice e harmonioso poder não fosse a mais protégida de todas elas), desferrou os doutores fictícios e diminuiu a possibilidade dos doutores novos e autênticos. Fez da instrução quasi um privilégio de um régimen que se vangloria de nos educar no self-government.

E aquela uma verdade de todos os clímas e, a todos os momentos verificável, e que nos devia aconselhar uma atitude prudente e discreta.

Qual era o mal da Lei organica? Era demasiado livre, e ainda não somos dignos de tamanha liberdade.

Mas neste caso, não somos dignos da República. O ensino livre é tão possível ou é tão impossível como as instituições livres. Ha um perfeito paralelismo em ambos os

Porto Alegre — Quinta-feira, 29 de junho de 1916

N. 150

Lei do ensino

Ha agora uma nova Lei do Ensino. Ha e não ha.

Em verdade é uma quasi lei que se cumpre cá fôra a título precau-
tivo até que o Congresso se pronuncie definitivamente.

E' uma lei ad referendum. Estamos assim nesta matraca sob um régimen vibratil e ondante que é um dos caracteristicos do governo de hoje. Creio que é a sua única philosophia das responsabilidades.

O governo agita-se, mas não anda. Assorberado de problemas e questões gravíssimas que lhe põem um novo eiro impestando-lhe a sua mente, elle sente-se tostido, não da senão, o primeiro passo, não exige nem vê além daquele palmo que lhe garante pelo menos a solução do nariz.

E' certo que bole como voiva.

Excellent e bravo soldado, porém malo general, combate valentemente, mas sem planos, sem estratégia.

Não é a inacção que o prende, a consciência do perigo, o receio de romper o equilíbrio de tantas coisas acumuladas e mal postas, umas sobre outras, e que ao menor sopro ameaçam ruína numérica insondável.

Assim, a reacção foi excessiva, malefica e extemporânea. Sem embargo da honestidade de proposições que inspira a lei nova, os resultados são contraproducentes e desproporcionados.

Aqui, no Rio de Janeiro, as faculdades superiores estão agora reduzidas a um mínimo de candidatos. Só um ou ouro fort in theme (especifico quase sempre insignificante) conseguiu penetrar-lhes os umbrais.

Não é a instrução primária e popular (e esta é certamente de grande peso) que faz, nem perfaz a civilização.

E, sim, o humanismo e a instrução superior. Como quer que seja, afinal, doutores que não dão o tom e a cultura da sociedade em que vivem; só os que pensam, agem e governam, ensinam, esclarecem e dirigem.

Não há sociedade que procinda hoje dessa elemento essencial, apesar das perfidias e das calumnias semi-letradas.

E, depois, é questão de facto. São doutores os que julgam, os que fazem a lei e ordenam a sua execução. E, certamente, não só se fechando o ensino universitário e reduzindo-o a essa anomia desproporcionada às necessidades de nossa cultura que havemos de preparar o improviso de uma sociedade de legitimidade.

Seria curioso verificar a excelência desse nihilismo no cabo de alguns anos.

Gloria-se de que só houve dois candidatos ao estudo da medicina, meia duzia de direito, é confessar a falência e a bancarrota da maioria e conseguentemente o descredito dos nossos doutos.

Não pode ser. Não convém que seja. Deve ser falso. Tudo isto não passa de uma pyrotecnia de espetáculo governamental. Estou que faz parte do programma de regeneração que de um só golpe asombrou o pozo termo à chamada crise de character de dois anos atraç. É uma das curas milagrosas e rápidas que lembram as dos doutores de 600000.

Não valia a pena, extirpalos, pois que renasceram das próprias cinzas.

A lei do ensino que pende do Congresso foi inspirada por uma philosophia barbara, hoje banida de todos os códigos, a philosophia de talhão. Havia muita gente nas escolas? agora haverá quasi nada. Os doutores eram demasiados? e o momento de serem raros ou nenhuns.

Aqui está regenerado o ensino, agora, po uma iniciacão hierática, difícil e só para poucos.

O professor Ostwald (hoje aqui famoso nas chronicas da grande guerra) disse e escreveu que "a mediocridade inevitável do estudante optimo" é uma das misérias da civilização.

Não posso nem devo dizer tanto, mas sou infenso por temperamento a essas derrocadas.

E aquela uma verdade de todos os climas e, a todos os momentos verificável, e que nos devia aconselhar uma atitude prudente e discreta.

Qual era o mal da Lei organica? Era demasiado livre, e ainda não somos dignos de tamanha liberdade.

Mas neste caso, não somos dignos da República. O ensino livre é tão possível ou é tão impossível como as instituições livres. Ha um perfeito paralelismo em ambos os

medidos das leis antigas. Reacções tumultuárias e violentas nada apresentam, como sistema de aperfeiçoamento.

Paiz novo, e infantil ainda no progresso, mas é um cansaço eterno de eternas e inutilez convulsões.

Jodo Ribeiro.

Leite Ribeiro.

Leite Ribeiro propõe varias medidas hygienicas —

Mercados e aposquentes terço frigoríficos — Um trust que acabará — As fructas nacionais vão ficar baratas — Quitandas e quitandeiros serão limpos... ou desaparecerão — Um pequeno mercado de produtos nacionais para turistas estrangeiros.

Numa das jornaes cariocas, ultimamente chegadas, encontra-se:

"Na sessão de hoje, do Conselho, sr. coronel Carlos Leite Ribeiro demonstrando um real e raro interesse pelas coisas da nossa terra", apresentou o projecto de lei abaixo, tendente a solucionar questões importantíssimas e inavais, tal como a dos pequenos mercados, instituição fallida entre as fornaceas abertas em 3 de junho e 23 de novembro.

Tristes, desoladoras mesmo, as expressões que venho de ler!

Por estas palavras, unicas que se encontram nas Mensagens indicadas, torna-se evidente o grau de atraço, impossível de ser maior, em que nos encontramos com relação à matéria.

Tão lamentavel facto provém, intencionalmente, da luta em que vêm empurrados os pequenos mercados com as nossas immundices "quitandas" e os não menos imundos vendedores ambulantes, — uns parasitas que, com grande prejuízo da hygiene e economia publica, não velho assegurar-lhes o seu desenvolvimento.

Agora, surge o conselheiro municipal diligente, conselheiro municipal, dando ao executivo essas medidas, com as nossas immundices "quitandas" e os não menos imundos vendedores ambulantes, — uns parasitas que, com grande prejuízo da hygiene e economia publica, não velho assegurar-lhes o seu desenvolvimento.

Comprende-se a existencia tia "quitanda" nos pontos onde não existem pequenos mercados, e bem assim os vendedores ambulantes, nas montanhas da cidade, e também nos lugares não provisados dos referidos mercados, mas é suido que em tudo, nôvelo, que se refere ao intenso publico, maxim pelo lado hygienico, o menor deve predominar, sobrepujando o vender, com grande carga de luxo, e dali a que nessas ruas é comum o maior buraco, que lhe facilita a venda em ouro feira, sendo a utilização dessas camaras privativas dos ocupantes do respectivo mercado.

Art. 1º — Fica o Prefeito autorizado a dotar todos os mercados de artigos de alimentação publica, já construídos ou que vieram a ser construídos pela Municipalidade, situados, silhadas na zona urbana, com camaras frigoríficas, subterrâneas ou não, a seu juízo, melhorando, para a estagnação, da marasma, em causa de tanta relevância, que fiz e apresento à deliberação do Conselho o seguinte projecto de lei:

Artigo 1º — Fica o Prefeito autorizado a dotar todos os mercados de artigos de alimentação publica, já construídos ou que vieram a ser construídos pela Municipalidade, situados, silhadas na zona urbana, com camaras frigoríficas, subterrâneas ou não, a seu juízo, melhorando, para a estagnação, da marasma, em causa de tanta relevância, que fiz e apresento à deliberação do Conselho o seguinte projecto de lei:

Artigo 1º — Fica o Prefeito autorizado a dotar todos os mercados de artigos de alimentação publica, já construídos ou que vieram a ser construídos pela Municipalidade, situados, silhadas na zona urbana, com camaras frigoríficas, subterrâneas ou não, a seu juízo, melhorando, para a estagnação, da marasma, em causa de tanta relevância, que fiz e apresento à deliberação do Conselho o seguinte projecto de lei:

Artigo 1º — Fica o Prefeito autorizado a dotar todos os mercados de artigos de alimentação publica, já construídos ou que vieram a ser construídos pela Municipalidade, situados, silhadas na zona urbana, com camaras frigoríficas, subterrâneas ou não, a seu juízo, melhorando, para a estagnação, da marasma, em causa de tanta relevância, que fiz e apresento à deliberação do Conselho o seguinte projecto de lei:

Artigo 1º — Fica o Prefeito autorizado a dotar todos os mercados de artigos de alimentação publica, já construídos ou que vieram a ser construídos pela Municipalidade, situados, silhadas na zona urbana, com camaras frigoríficas, subterrâneas ou não, a seu juízo, melhorando, para a estagnação, da marasma, em causa de tanta relevância, que fiz e apresento à deliberação do Conselho o seguinte projecto de lei:

Artigo 1º — Fica o Prefeito autorizado a dotar todos os mercados de artigos de alimentação publica, já construídos ou que vieram a ser construídos pela Municipalidade, situados, silhadas na zona urbana, com camaras frigoríficas, subterrâneas ou não, a seu juízo, melhorando, para a estagnação, da marasma, em causa de tanta relevância, que fiz e apresento à deliberação do Conselho o seguinte projecto de lei:

Artigo 1º — Fica o Prefeito autorizado a dotar todos os mercados de artigos de alimentação publica, já construídos ou que vieram a ser construídos pela Municipalidade, situados, silhadas na zona urbana, com camaras frigoríficas, subterrâneas ou não, a seu juízo, melhorando, para a estagnação, da marasma, em causa de tanta relevância, que fiz e apresento à deliberação do Conselho o seguinte projecto de lei:

Artigo 1º — Fica o Prefeito autorizado a dotar todos os mercados de artigos de alimentação publica, já construídos ou que vieram a ser construídos pela Municipalidade, situados, silhadas na zona urbana, com camaras frigoríficas, subterrâneas ou não, a seu juízo, melhorando, para a estagnação, da marasma, em causa de tanta relevância, que fiz e apresento à deliberação do Conselho o seguinte projecto de lei:

Artigo 1º — Fica o Prefeito autorizado a dotar todos os mercados de artigos de alimentação publica, já construídos ou que vieram a ser construídos pela Municipalidade, situados, silhadas na zona urbana, com camaras frigoríficas, subterrâneas ou não, a seu juízo, melhorando, para a estagnação, da marasma, em causa de tanta relevância, que fiz e apresento à deliberação do Conselho o seguinte projecto de lei:

Artigo 1

Lei do ensino

Ha agora uma nova Lei do En-

sino. Ha e não ha.

Em verdade é uma quasi lei que se cumpre cá fóra a titulo precasto até que o Congresso se pronuncie definitivamente.

E' uma lei *ad referendum*.

Estamos assim nesta matéria sob um regimen vibratil e ondante que é um dos caracteristicos do governo de hoje. Creio que é a sua unica *philosophia* das responsabilidades.

O governo agita-se, mas não anda. Assoberbado de problemas e questões gravíssimas que lhe põem em novo eiro impenetrável á simiente, elle sente-se tolhido, não dà senão o primeiro passo, não enxerga nem vê além daquelle palmo que lhe garante pelo menos a solidez do nariz.

E' certo que bole como coisa viva.

Excellent e bravo soldado, porém mau general, combate valentemente, mas sem planos, sem estratégia.

Não é a inacção que o prende, é a consciencia do perigo, é o receio de romper o equilibrio de tantas coisas accumuladas e mal postas, umas sobre outras, e que ao menor sopro ameaçam ruir numa eversão insondável.

Essa consciencia do perigo tornou-o ao mesmo tempo timido e violento, cauteloso e autoritario, cobrindo de astúcia algumas tyrranyas que lhe parecem necessarias e fazendo de tudo uma razão de Estado ou um caso de salvacão publica.

Sob esse prebixtos e com tão mafiosas traças têm-se consummado verdadeiras iniquidades.

Mas o governo declara-se medico abeirado da enfermidade grave que já não suporta remedios largos e faz o sacrificio ingrato de renunciar a todos os diagnosticos e põe-se caridosamente a praticar, a seguro de riscos maiores, uma medicina de symptoms e de expedientes ephemeros.

Para cada pequenino caso, uma violenta e pequenina solução, e ainda assim imperfeita, incompleta, *ad referendum* da instancia e da junta definitiva.

Estamos, pois, sob um regimen de politica experimental. O caso do Ensino pertence á instauração magna dos novos methodos.

Vejamos.

Quando começou este quadriénio, ao que se dizia, o ensino estava inteiramente desorganizado. Era a consummação da anarchia, segundo os commentadores de maior autoridade.

Fazendo um pouco parte do ensino, confesso que não percebi muito a desordem. Cá fóra donde se tem com mais segurança a perspectiva dos systemas, tudo parecia caótico e absurdo. As Faculdades (cujo pessoal é ainda hoje o mesmo!) não sabiam oppôr-se á inundação dos intrusos; a imprensa achincalhava os doutores de 60\$, que os havia e, afinal, não passavam de uma guarda nacional da cultura, barata e inepta. As humanidades perfaziam-se secretamente não já nos laboratorios dos equiparados, mas em pequeninos cursos, sob a protecção universitaria.

Todos queriam aprender, ainda que mal.

Era, talvez, um fermento de vida que convinha alimentar, e era uma agitação de liberdade que não precisava senão de um freio de disciplina. Era um estímulo e o tempo avoluma, embelleza todos os estímulos.

Vem, porém, o novo governo.

E adoptou o seu expediente miúdo de reacções, *contrariis contraria*. Acabou com tudo; onde encontrou um symptom, ahí viu doença principal e atacou-a. Esvaziou as faculdades, anniquilou os collegios malsinados de indignas industrias (como se o governo sob o seu triplice e harmonioso poder não fosse a mais protegida de todas elas), desterrou os doutores ficticios e diminuiu a possibilidade dos doutores novos e authenticos. Fez da instrucção quasi um privilegio de Estado. E' bem esse o espirito de um regimen que se vangloria de nos educar no *self-government*.

Qual era o mal da Lei organica? Era demasiado livre, respondeu-nos, e ainda não somos dignos de tamanha liberdade.

Mas neste caso, não somos dignos da Republica. O ensino livre é tão possivel ou é tão impossivel como as instituições livres. Ha um perfeito paralelismo em ambos os casos.

No Brasil, por exemplo, não ha liberdade eleitoral, todos o sabem e todos o confessam. Logo o remedio desta (medicina dos symptoms) seria depôr qualquer presidente da Republica ou fechar o Congresso, a primeira eventualidade. Não tendo solidez de origens não tem direito algum á conservação.

Tudo ia mal, é bem certo, como tudo vai mal, ou menos mal se o quizerem.

A verdade, porém, é que esses expedientes de occasião, esses terremotos inuteis cada vez mais desmoronam, adiam e difficultam a reconstrução social da nossa pobre terra.

A politica não é a arte de reformar, salvo se estamos em revolução permanente.

O que cumpria era fiscalizar a Lei Organica, inspirada nos mais bellos moldes, era defendê-la, e era aparar as suas demasias, onde as houvesse, concertal-a com os nossos interesses praticos e legítimos sem os comprometter e não reduzil-a a escombros no proprio terreno em que com algum cuidado podia fructificar.

Assim, a reacção foi excessiva, malefica e extemporanea. Sem embargo da honestidade de propositos que inspira a lei nova, os resultados são contraproducentes e desproporcionados.

Aqui, no Rio de Janeiro, as facultades superiores estão agora reduzidas a um minimo de candidatos. Só um ou ouro *fort en thème* (especie quasi sempre insignificante) conseguiu penetrar-lhes os umbraes.

Não é a instrucção primaria e popular (e ella é certamente de grande peso) que faz, nem perfaz a civilização.

E', sim, o humanismo e a instrucção superior. Como quer que seja, são, afinal, doutores os que dão o tom e a cultura da sociedade em que vivem; são os que pensam, agem e governam, ensinam, esclarecem e dirigem.

Não ha sociedade que precinda hoje desse elemento essencial, apesar das perfidias e das calumnias semi-letradas.

E, depois, é questão de facto. São doutores os que julgam, os que fazem a lei e ordenam a sua execução. E, certamente, não será fechando o ensino universitario e reduzindo-o a essa anemia desproporcionada ás necessidades de nossa cultura que havemos de preparar o improviso de uma sociedade de leguleios.

Seria curioso verificar a excelencia desse nihilismo ao cabo de alguns annos.

Gloriar-se de que só houve dois candidatos ao estudo da medicina, meia duzia ao de direito, é confessar a fallencia e a bancarrota da mocidade e consequintemente o descredito dos nossos destinos.

Não pôde ser. Não convém que seja. Deve ser falso. Tudo isto não passa de uma pyrotecnia de estréa governamental. Estou que faz parte do programma de regeneração que de um só golpe assombroso poe termo á chamada *crise de carácter* de dois annos atraz. E' uma das curas milagrosas e rápidas que lembram as dos doutores de 60\$000.

Não valia a pena, extirpal-os, pois que renascem das proprias cinzas.

A lei do ensino que pende do Congresso foi inspirada por uma philosophia barbara, hoje banida de todos os codigos, a philosophia de talhão. Havia muita gente nas escolas? agora haverá quasi nada. Os doutores eram demasiados? é o momento de serem raros ou nenhuns.

Ahi está regenerado o ensino agora, po uma iniciacão hieratica, difícil e só para poucos.

O professor Ostwald (hoje aqui famoso nas chronicas da grande guerra) disse e escreveu que "a mediocridade inevitável do estudiante optimo é uma das misérias da instrucção".

Não posso nem devo dizer tanto, mas sou infenso por temperamento a essas derrocadas.

E aquella uma verdade de todos os climas e, a todos os momentos, verificavel, e que nos devia aconselhar uma attitud prudencial e discreta.

E nem é assim que se faz guerra á ignorancia pela degola em massa ou pelo extermínio.

Eu acredo que os nossos legisladores voltarão um pouco aos bons principios mais livres e mais co-

medidos das leis antigas. Reacções logo, de fazer de dia e desfazer de tumultuarias e violentas nada aprofundam, desacreditar o passado e agitam, como sistema de aperfeiçoamento para dar a illusão de um rythmo que não é movimento nem

progresso, mas é um cansaco eterno de eternas e inuteis convulsões.

Jodo Ribeiro.